



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E ORIENTALISMO: A PROPAGAÇÃO DO DISCURSO PRÓ-ISRAEL ATRAVÉS DE IMAGENS POR CARLA ZAMBELLI NO INSTAGRAM

João Paulo Malerba¹

Arthur Honorato Almeida²

RESUMO: A pesquisa tem como objetivo analisar como imagens geradas por inteligência artificial sobre palestinos e israelenses ganham forma no Instagram e moldam o imaginário social brasileiro sobre o conflito. O foco recai sobre publicações do perfil da ex-deputada Carla Zambelli, voz proeminente do discurso pró-Israel no Brasil. O corpus reúne imagens produzidas por I.A., publicadas entre 7 de outubro de 2023 e 23 de fevereiro de 2024, referentes aos ataques na Faixa de Gaza envolvendo Hamas e Israel. A análise foi conduzida a partir da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), dando atenção especial aos elementos composicionais das imagens.

PALAVRAS-CHAVE: *Política. Conflito Israel versus Palestina. Representação. Sionismo.*

ABSTRACT: This study examines how artificial intelligence-generated images of Palestinians and Israelis circulate on Instagram and shape the Brazilian social imaginary about the conflict. It focuses on posts from the profile of Congresswoman Carla Zambelli, a prominent pro-Israel voice in Brazil. The corpus consists of AI-generated images published between October 7, 2023, and February 23, 2024, addressing the attacks in the Gaza Strip involving Hamas and Israel. The materials were analyzed using Content Analysis (Bardin, 2011), with particular attention to the compositional elements of the images.

KEYWORDS: *Politics. Israel–Palestine Conflict. Representation. Zionism.*

¹ Professor adjunto da Faculdade de Comunicação e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: joaopaulo.malerba@ufjf.br

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora e graduado em Jornalismo pela Universidade Vale do Rio Doce. E-mail arthur.honorato@estudante.ufjf.br

Introdução

O território geopolítico, atualmente chamado de Israel ou Palestina, é um país reconhecido desde a época dos Romanos, sendo província imperial dos mesmos e, posteriormente, dos bizantinos (Pappe, 2022). Suas reviravoltas e condições históricas são pautas de debates entre aqueles que acreditam que a Bíblia é um relato histórico e aqueles que não a veem dessa forma.

De acordo com Pappe (2022), os árabes e mulçumanos assumem um papel na história da Palestina em meados do século VII em diante, tendo uma pequena pausa no período medieval durante as cruzadas (expedições ocidentais, sob o comando da Igreja, que tinham o objetivo de recuperar a liberdade de acesso dos cristãos à Jerusalém, a “Terra Santa”). Em 29 de novembro de 1947, a Organização das Nações Unidas (ONU) apoiou a divisão da, até então, Palestina em dois estados: um judeu e outro árabe. Essa divisão não foi aceita por outros países do Oriente Médio. Porém, no ano seguinte, 1948, mais precisamente no dia 14 de maio, o presidente da Agência Judia para a Palestina, David Ben-Gurion, anunciou a criação do Estado de Israel. O movimento migratório de judeus para aquela região se intensificou e o aumento da população judaica em um território, agora dividido, que há séculos era de maioria árabe, aumentou a tensão, resultando no surgimento de confrontos imediatos.

166

No dia 07 de outubro de 2023, o Estado de Israel, e o resto do mundo, foi surpreendido pela investida do Movimento de Resistência Islâmica (Hamás) - mais especificamente pelo seu braço militar: as Brigadas Al-Qassam - através da operação “Tempestade de Al-Aqsa”, ou *Operation Al-Aqsa Flood* (Operação Inundação/Tempestade de Al-Aqsa). De acordo com o Estado de Israel, mais de 1,2 mil israelenses e estrangeiros foram mortos naquele dia, incluindo crianças, e quase 5,5 mil ficaram feridos. O episódio é visto pelo grupo como uma operação de retomada e resistência em resposta a alguns acontecimentos daquele mesmo mês, como os ataques à Mesquita de Al-Aqsa, em Jerusalém na Cisjordânia, e a invasão na Mesquita de Abraão, na cidade de Hebron (Teles; Manfrinato, 2024).

A resposta das forças militares de Israel foi brutal, tanto no embate terrestre com o Hamas, quanto nos bombardeios aéreos em Gaza. Este episódio marcou o início da intensificação do genocídio palestino que vem ocorrendo desde o século passado.

Nesse sentido, o presente trabalho procura investigar a abordagem dos perfis de políticos de extrema direita brasileiros em relação aos eventos envolvendo a situação geopolítica entre Israel e Palestina, mais precisamente, a forma como a deputada federal Carla Zambelli (PL) abordou, em seu perfil, o assunto. Mostra-se relevante essa pesquisa pelo fato da necessidade de se observar como a narrativa chega ao Brasil, quais os efeitos sobre os espectadores, no que tange à construção da realidade acerca do tema. E, de que forma, isso reflete no modo dos brasileiros compreenderem o conflito.

Comunicação e construção da realidade

Berger e Luckmann (2007), em seu livro “A construção social da realidade”, discutem como a realidade é construída socialmente e suas implicações no desenvolvimento da identidade dos indivíduos inseridos nela. Para isso, Berger e Luckmann (2007) explicam como a linguagem percorre esse processo de interiorização e exteriorização das estruturas sociais pelo sujeito, assim como participa da construção, manutenção e transformação social.

A legitimação produz novos significados, que servem para integrar os significados já ligados a processos institucionais díspares. A função da legitimação consiste em tornar objetivamente acessível e subjetivamente plausível as objetivações de “primeira ordem”, que foram institucionalizadas. (Berger; Luckmann, 2007, p. 127)

O real está inserido em uma construção feita por meio da coletividade, uma ação repetida com determinada frequência que acaba tornando-se um hábito (situação social reconhecida por um determinado grupo e pessoas, aprendida para ser executado como padrão); que, mais para frente, pode tornar-se anônima e geral, ou seja, tipificada (passível de ocorrer com diferentes indivíduos, sendo reconhecida como tal ação); e por fim, institucionalizada. Uma ação ao ser institucionalizada passa a existir para além dos

indivíduos, sendo englobadas por eles e passada de uma geração para outra, tornando-se real. A institucionalização implica historicidade e controle e se exprime na coletividade.

No livro “O Poder Simbólico”, Pierre Bourdieu (1989) discorre sobre o processo de formação social de instituições, campos de saberes e do próprio sujeito, trazendo o indivíduo como parte deste todo, a pessoa enquanto fruto e formador do seu território. Esse processo acontece através da utilização e transmissão de símbolos, que precisam ser reconhecidos pela sociedade ou por determinado grupo pertencente a ela. Portanto, a construção social é o resultado de uma constante disputa entre os membros dessa sociedade, ou grupo a ela pertencente, entre a objetividade das estruturas e a subjetividade de cada biografia individual. Ademais, esse poder faz parte da construção do imaginário social e da cultura, naturalizando ideologias e símbolos. E, obviamente, a realidade é construída e divulgada através desses símbolos.

A reprodução dos símbolos pelos meios de comunicação leva à criação do que Bourdieu (1989) chama de conformismo lógico. O conformismo lógico surge quando há uma concepção homogênea da realidade, das relações de tempo e espaço e torna possível a concordância entre os indivíduos, constitui a ideologia, esta que vem dos interesses do grupo que a profere, representa os interesses de quem a desenvolve e à lógica específica do seu campo de origem.

No âmbito da comunicação, inserindo no contexto do conflito entre Israel e Palestina, por exemplo, os *media* funcionam como propulsores dos pensamentos e ideologias daqueles que os financiam. Nesse sentido, surge como uma forma de construir a geografia imaginativa do Oriente Médio através do orientalismo presente no ocidente, no cenário abordado. Embora a situação geopolítica entre Israel e Palestina não seja uma discussão nova, a reação ao 7 de outubro em um contexto de redes sociais pós pandemia, fake news e polarização doméstica fez com que o uso e a mobilização política do conflito – inclusive pelo cidadão médio – se amplificasse, tornando muito mais visível a aproximação que a extrema direita brasileira tem com o discurso pró-Israel.

Orientalismo e representação

Edward W. Said (2007) define o orientalismo como um conjunto de saberes literários, eruditos e científicos sobre o Oriente, não somente visto como um espaço geográfico, mas como uma “geografia imaginativa”, criada e disseminada pelo Ocidente, principalmente por franceses, ingleses e estadunidenses. O orientalismo é caracterizado por Said (2007), portanto, como uma visão que representa o oriental como um indivíduo exótico, inferior, misterioso, aquele que precisa ser dominado. Esse conceito pode ser usado em três contextos diferentes, mas que se complementam: os escritos sobre o Oriente, o estilo de pensamento baseado numa distinção entre o Ocidente e o Oriente, e as instituições “autorizadas” a lidar com o Oriente. Foi o orientalismo que estabeleceu os consensos que permitem e legitimam as intervenções estadunidenses no Oriente Médio. Israel bebe da mesma fonte para submeter os palestinos dentro e fora do seu território.

A televisão, os filmes e todos os recursos da mídia atuam como ferramentas que forçam as informações a se ajustarem em moldes cada vez mais padronizados (Said, 2007). No caso do orientalismo, a padronização e os estereótipos culturais fortalecem o domínio do delírio imaginativo e acadêmico do “misterioso Oriente” do século XIX, de acordo com o professor. Quanto ao conflito entre Israel e Palestina, a inferioridade moral dos palestinos tem sido reforçada constantemente pela imprensa a cada episódio dramático do conflito.

169

[...] a versão do mito criada no século XX tem sido mantida com muito maior dano. Produziu uma imagem do árabe visto por uma sociedade ‘adiantada’ quase ocidental. Na sua resistência aos colonialistas estrangeiros, o palestino era ou um selvagem estúpido ou uma grandeza negligível, moral e existencialmente (Said, 2007, p. 311).

De acordo com Edward Said (1988), crítico literário e ativista político palestino-estadunidense, a prática orientalista se faz bastante presente na mídia em geral. Com o aumento da circulação de jornais e revistas, juntamente com a popularização do rádio e da televisão e o surgimento da internet, a mídia passa, e

precisa, ser encarada como a principal propagadora da representação de árabes e muçulmanos na atualidade (Lopes; Fabricio, 2005, p. 254):

A polarização cada vez maior na mídia, atualmente, entre os ocidentais e os orientais-árabes é um modo de estereotipar e racializar a diferença, reduzindo-a a dois grupos estanques por meio de discursos que os estigmatizam e criam um mundo bipolar: os certos, que agem ao lado da verdade científica, da racionalidade e do Deus correto (cristão), em oposição aos errados (os muçulmanos). Assim, o que está em jogo é a construção de uma ótica fundamentalista e essencializadora.

Polarização essa baseada na construção das identidades. Conforme, Silva (2008) as identidades são constituídas por meio da diferença, ou seja, uma pessoa é, aquilo que a outra não é. Portanto, esse é um sistema binário de representações. Ainda, o autor aponta que a construção da identidade é o resultado da sociedade a qual ele se insere e dos símbolos acionados para representação da mesma. Desse modo, há uma divisão entre “nós” versus “eles”, capaz de diferenciar, nesse caso, palestinos e israelenses, algo que se reflete no discurso midiático ocidental e, por vezes, é carregado dos estereótipos de que o povo palestino/árabe é sinônimo de “terrorista”.

170

A direita brasileira e o discurso pró-Israel

Michel Gherman e Misha Klein (2021), relatam que o significado do judaísmo para o contexto político contemporâneo brasileiro deve ser compreendido a partir das referências simbólicas. Símbolos vistos a partir da dinâmica paisagem cultural e política do Brasil.

Na última década foi possível notar, em manifestações conservadoras e da direita no Brasil, a presença de bandeiras de outros países. Entre estas, uma se destacou em particular: a bandeira de Israel. A presença das bandeiras israelenses não sinalizam ‘dupla lealdade’, de acordo com as lógicas tradicionais de acusação antisemita tão frequentemente lançadas contra judeus ‘cosmopolitas’ (ou no vernáculo de hoje, ‘globalistas’). Pelo contrário, a bandeira de Israel não representa exatamente um apoio ao ‘Estado Judeu’, mas apresenta algo fundamentalmente distinto. Há ali outros significados ligados a ideologias-chave no novo contexto político do Brasil. (Gherman e Klein, 2021, p.124)

Os autores explicam que Israel, assim como os judeus e o judaísmo em si, é visto como um entrave moralizador e civilizatório contra o terrorismo e como um símbolo do ocidente contra a expansão do Islã, que no imaginário social desse grupo está ligado a esquerda. Difundidos desta forma, símbolos como a Estrela de Davi (presente na bandeira) evocam, para a direita brasileira, mais ao antigo Reino de Salomão, mencionado em livros sagrados, do que ao Estado de Israel atual, se diferenciando completamente dos significados classicamente atribuídos a esses símbolos por judeus e sionistas do mundo inteiro.

As manifestações que surgiram em junho de 2013 em várias cidades brasileiras, inicialmente visando o preço dos serviços de transporte público, se tornaram um marco fundamental para o surgimento de uma nova identidade da direita no Brasil (Gherman e Klein, 2021). Impulsionado por esses protestos e, logo depois, o impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT) em 2016, um ‘neopentecostalismo’ pontualmente conservador surgiu na extrema direita (Freston 1994; Oro 1996; Mariano 1999) com uma forte orientação religiosa. Esse processo ganhou força nas eleições presidenciais de 2018 quando Jair Messias Bolsonaro, um claro representante das ideologias conservadoras presentes nos protestos, foi eleito como o 38 presidente do Brasil.

171

Desde cedo em sua campanha eleitoral, Bolsonaro flertou com Israel e com símbolos judaicos, que passaram a ser cada vez mais frequentes em comícios e manifestações. Ainda candidato, se sustentou na nova direita evangélica na condição de principal nicho eleitoral, respaldando suas demandas moralistas e conservadoras. (Calfat, 2024, p.46)

O discurso bolsonarista faz uso constante de bandeiras israelenses, símbolos religiosos judaicos e ideologia fortemente sionista. Nesse novo cenário político, a ideia da “cordialidade” brasileira foi trocada por um tipo de “grosseria politizada”. A intolerância tornou-se uma qualidade louvada pela direita que passou a cultivar uma forma de “sinceridade” ou “sincericídio” (Iaconelli, 2019). Além disso, era legitimado socialmente todo e qualquer tipo de discurso de ódio em função da ruptura com o “politicamente correto” e a valorização das raízes do cristianismo e da civilização ocidental (Gherman e Klein, 2021).

Além disso, é preciso levar em conta a polarização entre esquerda e direita que foi intensificada, de certa forma, durante o recente governo Lula, após os ataques do 7 de outubro de 2023. A sequência de episódios que se seguiram ao ataque do Hamas promoveu um certo desconforto, graças à disputa entre os dois pólos da política brasileira: O Estado de Israel considerou que o presidente brasileiro não havia sido duro o bastante na hora de condenar o Hamas, por outro lado o ex-presidente Jair Bolsonaro se apresentava totalmente engajado em apoiar o lado israelense. Sendo assim, a diplomacia brasileira adotou um papel de articuladora, exigindo uma resolução que demandava um cessar-fogo no Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU). A iniciativa, contrária aos desejos pró-guerra do governo de Benjamin Netanyahu, foi vetada pelos Estados Unidos. Na mesma época, houve a suspeita de que a demora na liberação por parte de Israel de brasileiros e familiares que se encontravam na Faixa de Gaza seria uma forma de resposta a essa medida (Castro, 2024). A relação com Israel, que já estava desgastada, se deteriorou de vez com os comentários de Lula em viagem a Addis Abeba, em fevereiro de 2024, quando comparou o que estava acontecendo com o povo palestino com o holocausto judeu na Alemanha nazista. O ministro das Relações Exteriores, Israel Katz, declarou que Lula, a partir daquele momento, seria *persona non grata* em Israel. Pouco tempo depois deste episódio, Lula suspendeu a compra de 36 blindados israelenses para o exército brasileiro, contribuindo ainda mais com o isolacionismo israelense, principalmente entre os governos latino-americanos (Seabra; Feitoza, 2024). Todo este contexto recente ajudou a aproximar ainda mais a extrema direita brasileira do discurso pró-Israel.

O uso da Inteligência Artificial

A inteligência artificial surge no contexto da chamada 4ª Revolução Tecnológica, com múltiplas aplicações em diferentes campos do conhecimento, como a medicina, a engenharia e, principalmente, o uso midiático e no entretenimento. Consiste em uma simulação tecnológica da inteligência humana, sendo hábil para solucionar diversos problemas, além de ter alta capacidade criativa (Júnior, 2024).

Jorge Franganillo (2023) descreve a Inteligência Artificial generativa como uma tecnologia que permite a criação de texto, som, conteúdo audiovisual, gráfico e infográfico usando técnicas de aprendizado profundo que espelham a aprendizagem humana. Segundo ele, essas tecnologias processam grandes quantidades de dados complexos e não estruturados e os utilizam para produzir novos conteúdos, ou modificar os já existentes, em diferentes formatos, como por exemplo a criação de notícias falsas com o mesmo formato que notícias informativas verídicas.

Com o intuito de evitar problemas desse tipo, em um mundo cada vez mais envolvido com máquinas de IA, é essencial investigar maneiras de construir essas ferramentas de maneira responsável (Russel, 2019). Se não for assim, essas novas tecnologias continuarão a sustentar pontos de vista hegemônicos, fortalecendo e sistematizando preconceitos e vieses humanos que ainda lutamos para combater (Bender, 2021). Nina da Hora, cientista da computação brasileira e pesquisadora na área de Pensamento Computacional, explica que, na maioria das vezes, a busca de diversos países pela ética em IA, por ser fundamentada no esforço de manter as tecnologias que estão causando problemas sob controle, não exploram o entendimento e a investigação dos problemas que pessoas impactadas por essas tecnologias lidam diariamente. Segundo a cientista, é preciso ultrapassar as características técnicas quando se busca um desenvolvimento ético de sistemas de IA, e analisar também o impacto dessas novas tecnologias na vida das pessoas envolvidas (Hora, 2022).

173

É importante ressaltar que as fotografias e os vídeos utilizados pelos veículos do mundo todo, além de dar peso ao contexto do genocídio, seleciona qual momento enquadrado e captado durante o conflito será “perpetuado” na história e no imaginário social de seus leitores, como forma de representar o fato. Sendo assim, o uso de imagens geradas por inteligência artificial acaba provocando um certo desequilíbrio nessa relação entre público, informação e veracidade.

Em contextos de conflito armado, onde a precisão dos fatos é crucial, a disseminação de imagens artificiais pode acabar prejudicando a confiança do público na veracidade das informações divulgadas pelos portais de notícias. Se o público começar a se questionar que as imagens podem ser geradas artificialmente, pode questionar também a autenticidade de

qualquer conteúdo visual relacionado ao conflito, independentemente de sua origem. Essa dúvida generalizada pode prejudicar a capacidade dos jornalistas de informar com precisão e dos governos de comunicar de forma eficaz. (Vargas; Calderon; Martins, 2024, p. 6)

O emprego de imagens produzidas por inteligência artificial, como nos contextos de conflito, como o enfrentamento em Gaza em outubro de 2023, suscita preocupações importantes acerca da disseminação de informações falsas. A disseminação desse tipo de conteúdos não só prejudica a confiança do público nas informações divulgadas pela mídia tradicional como também abala a credibilidade das comunicações oficiais e, no pior dos casos, promove ódio e discriminação contra determinados grupos envolvidos.

Metodologia e análise

Este trabalho tem como *corpus* de análise os *posts* do perfil da deputada federal Carla Zambelli, contendo imagens geradas por IA, do período de 7 de outubro de 2023 a 23 de fevereiro de 2024. O período foi marcado por um constante bombardeio na região conhecida como Faixa de Gaza. A proposta, portanto, é avaliar quais os assuntos, enfoques e narrativas usadas para tratar palestinos e israelenses, durante todo o período de cobertura. As categorias a serem apresentadas para análise de conteúdo (Bardin, 2011), as quais decompõe a construção das publicações são: imagens que representam os palestinos, imagens que representam a união entre Brasil e Israel e imagens que representam o exército israelense.

174

Sobre a escolha da deputada

A reação ao 7 de outubro em um contexto brasileiro de redes sociais, fake news e polarização política fez com que as opiniões e a mobilização sobre o conflito – inclusive pelo cidadão médio – crescessem por vários nichos. Pode-se citar como exemplo a associação do lulismo e do petismo aos atos do Hamas, a associação do bolsonarismo à luta do bem contra o mal, como também a aproximação entre desenvolvimentismo e militarismo autoritário em Israel (Calfat, 2024).

Como já foi dito neste trabalho, Jair Bolsonaro, muitas vezes, utilizou a imagem de Israel e de símbolos judaicos, que passaram a ser cada vez mais frequentes em comícios e manifestações durante suas campanhas. Como resultado disso, em 2023, Bolsonaro ficou em 2º lugar entre os 50 principais aliados cristãos do Estado de Israel em todo o planeta, segundo a *Israel Allies Foundation*.

Nesse contexto de crescimento do bolsonarismo, surgem personalidades como a de Carla Zambelli, que se elegeu deputada federal em 2018 com 76 mil votos, impulsionada a partir de uma campanha antipetista e pró-Bolsonaro. Nas eleições de 2022, Zambelli obteve um salto eleitoral com 946 mil votos, sendo a segunda deputada com mais votos em São Paulo. Carla Zambelli é, atualmente, uma das maiores defensoras do ex-presidente Jair Bolsonaro (Costa, 2024).

Em janeiro de 2023, a deputada foi acusada pela Procuradoria Geral da República (PGR) por posse ilegal de arma de fogo e por usar essa arma para ameaçar e intimidar alguém. A denúncia decorre de uma filmagem na qual ela aparece coagindo a pessoa em questão nas ruas de São Paulo com o revólver em mãos.

Além disso, após uma investigação da Polícia Federal (PF), Zambelli foi condenada pela Corte por invasão aos sistemas de mandados judiciais do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). O *hacker* suspeito de realizar os ataques foi Walter Delgatti. O suspeito afirmou em depoimento que a deputada solicitou que ele encontrasse conversas comprometedoras do ministro do STF, Alexandre de Moraes. Além do depoimento, foram encontrados pagamentos da parlamentar para o *hacker*, embora sua assessoria tenha alegado que os pagamentos foram realizados com o intuito de construção de um site (Costa, 2024). Após fugir para a Europa, Zambelli teve o nome incluído na lista de difusão vermelha da Interpol, passaporte suspenso e o bloqueio de bens e valores, incluindo, verbas de seu gabinete como deputada federal (BBC NEWS, 2025).

Com relação ao seu perfil no *Instagram*, antes de ser bloqueado pela justiça, Carla Zambelli possuía 3,7 milhões de seguidores e um total de 24,4 mil publicações (até o dia 4 de junho de 2025), um número consideravelmente alto de conteúdo,

principalmente quando comparamos com perfis de outras figuras da extrema direita brasileira. O ex-presidente Jair Bolsonaro, por exemplo, possui 8.479 publicações em seu perfil. Nikolas Ferreira, considerado como “porta-voz do ativismo conservador evangélico”, influenciando jovens brasileiros conservadores por meio de suas plataformas digitais - a principal ferramenta de divulgação do seu discurso propagandista - possui apenas 2.139 publicações em seu perfil do *Instagram*.

Além dos fatos citados, no dia 2 de novembro de 2023, a deputada fez uma publicação em seu perfil que virou pauta em diversos portais de notícias do Brasil. No post em questão, Zambelli usou uma imagem gerada por inteligência artificial que comparava o povo palestino com ratos sendo caçados por uma águia israelense. A publicação foi extremamente repudiada fazendo com que a parlamentar a apagasse.

Análise de Conteúdo

Busca-se analisar os conteúdos apresentados nas publicações, destrinchando as imagens e os textos contidos nelas, explorando ainda informações complementares na construção da postagem. A seguir, o quadro 1 traz um resumo das publicações coletadas ao longo do período sobre o conflito entre Israel e Hamas. Vale ressaltar que, durante a busca no perfil da deputada, foram encontradas 209 publicações que abordavam o assunto, 4 delas contendo imagens geradas por inteligência artificial.

176

Quadro 1 - Publicações contendo IA no perfil da deputada Carla Zambelli

	Formato	Data da publicação	Tema
01	Imagem	02/11/2023	Conflito entre palestinos e israelenses.
02	Reels contendo 3 imagens	10/11/2023	Propaganda pró-Israel; Exaltação da força do exército israelense.
03	Imagem	21/02/2024	Parceria entre Brasil e Israel; Pedido de impeachment contra o presidente

	Formato	Data da publicação	Tema
01	Imagem	02/11/2023	Conflito entre palestinos e israelenses.
			Lula.
04	Imagem	23/02/2024	Parceria entre Brasil e Israel.

Fonte: Autoria própria, 2024.

As publicações do perfil da deputada, partem de uma postura de exaltação ao governo do Estado de Israel, buscando a todo tempo evidenciar a força de seu exército, sua resiliência e seus vínculos religiosos através de símbolos como a Estrela de Davi e o uso de versículos nas legendas. Por outro lado, os palestinos são tratados com ódio e preconceito, um povo que precisa ser exterminado. Ou seja, uma luta do bem contra o mal.

177

Imagens geradas por IA

As imagens utilizadas pela deputada, além de dar peso ao discurso pró-Israel, seleciona qual momento captado durante o conflito será “perpetuado” na história e no imaginário social de seus seguidores, como forma de representar o acontecimento. Ao todo foram analisadas 8 imagens, sendo 4 delas usadas de forma compilada em um *reels* e uma que se repete em duas publicações. Todas as imagens foram testadas no *software Undetectable AI*³, classificado pela Forbes como o melhor detector de imagens geradas por inteligência artificial.

³ <https://undetectable.ai/>

Imagem 1 - Imagem utilizada na publicação do dia 02 de novembro de 2023



Fonte: Perfil do Instagram da deputada Carla Zambelli, 2023.

A imagem 1, mostrada acima, estava presente na publicação que foi excluída pela deputada após ser bastante criticada na internet e por portais de notícias. De acordo com o *software* Undetectable AI, a imagem provavelmente foi criada por IA, tendo 13% de chances de ter sido feita por um humano. Na imagem, o povo palestino é representado pela figura de um rato que está usando um colete cheio de explosivos e com a bandeira da palestina aparecendo na parte da frente, seu rosto expressa medo e horror. Acima do rato, aparecendo de forma imponente e ameaçadora, está uma águia que carrega a bandeira do Estado de Israel no peito, além disso, é possível ver partes da bandeira dos Estados Unidos em suas asas. A águia se encontra em uma posição de predador, suas garras e asas abertas indicam que seu objetivo (pegar o rato) está quase concluído. Ao fundo da imagem, é possível ver uma cidade largada aos escombros, com dois focos de explosões, prédios e casas destruídos enquanto outras águias sobrevoam a região. O local claramente faz referência a Faixa de Gaza.

A utilização da bandeira estadunidense reflete a aliança que os Estados Unidos possui com o Estado de Israel. Tony Judt (2006), historiador e escritor britânico, afirma que Israel realizou, ao longo das últimas décadas, diferentes estágios na programação

estratégica dos Estados Unidos. Desde a criação do Estado judeu, no fim da Segunda Guerra Mundial, a memória do holocausto conquistou grande simpatia popular estadunidense, o que ajudou a construir a visão, durante a Guerra Fria, de que Israel era um aliado indispensável na manutenção de poder no Oriente Médio. Assim se constroí a visão de que os interesses estratégicos entre os dois Estados são os mesmos, e de que as ideologias e valores morais compartilhados fazem da relação estadunidense-israelense a “mais especial de todas”, quase uma relação de famílias na política internacional (Walt e Mearsheimer, 2006).

Outra característica importante de analisar nessa imagem é a utilização do rato para representar a figura do palestino, uma vez que, o rato também era usado para representar os judeus em propagandas nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. “Os judeus foram [...] colocados no patamar dos ratos pela propaganda nazista, sendo considerados, como os roedores, pragas passíveis de morte.” (Silva e Cavichia, 2019, p.71). A intenção da imagem na publicação não foge da citada acima, o recurso da representação faz com que o público reconheça os palestinos como inimigos e os associam a pragas, sujeira, algo ruim, provocando um sentimento de repulsa nas pessoas.

Para entender um pouco mais sobre essa associação, acionaremos a abordagem sobre a mitologia política feita pelo historiador Raoul Girardet em *Mitos e Mitologias Política* (1987). Girardet, destaca a importância dos mitos e mitologias políticas como ferramentas que permitem compreender e estudar o imaginário político e a cultura política de uma sociedade. Os mitos políticos são formados por meio de instrumentos da memória que produzem no inconsciente coletivo ideologias pautadas na imaginação social, independente da veracidade ou da fonte histórica. Os mecanismos de memória, muita das vezes, remetem a tempos melhores vividos, grandes feitos de um indivíduo, como também a aspectos negativos ou a situações de perigo que não podem se repetir (Girardet, 1987). O historiador fala sobre quatro mitos do campo político que são acionados quando uma determinada sociedade atravessa períodos nefastos, de crise, que acarretam desorganização e receios em relação ao futuro. São eles os mitos da

Conspiração, da Idade de Ouro, da Unidade e do Salvador. No caso da imagem utilizada por Zambelli na publicação, podemos remetê-la ao mito da Conspiração.

O mito da Conspiração, de acordo com Girardet, atribui a um determinado grupo, na maioria das vezes marginalizado, o papel de responsáveis por todo o “mal da sociedade”, permitindo que outros grupos oportunistas se utilizem do ressentimento que a ideia causa. Citando como exemplo os palestinos que foram racializados e desumanizados para justificar uma limpeza étnica em favor da criação de um estado judeu no território da Palestina, e continuam a ser animalizados pela narrativa orientalista e islamofóbica que os ilustram como potenciais terroristas. Uma narrativa conspiratória que foi fortemente disseminada pelos Estados Unidos após o 11 de setembro, em relação aos palestinos e a todo o Oriente Médio visto como uma sociedade homogênea, estimulando a propagação da islamofobia e permitindo o crescimento oportunista de Israel como a linha na guerra contra o terrorismo (Vilchis, 2023).

Na legenda da publicação, Zambelli cita uma passagem bíblica: “Mas os que esperam no Senhor renovarão as forças, subirão com asas como águias; correrão, e não se cansarão; caminharão e não se fatigarão.” (Isaías 40:31). Mais uma vez, é possível notar um apelo em relação ao público cristão da direita brasileira. O sionismo cristão brasileiro harmoniza com o Israel de Netanyahu através do discurso anti-Palestina (até mesmo anti-árabe), defendendo a equivalência entre antissemitismo e antissionismo. Além disso, após os ataques do 7 de outubro de 2023, a defesa da causa palestina foi atrelada pelo sionismo cristão e judaico “à violência, ao desrespeito às liberdades religiosas, às iniciativas antidemocráticas e ao antiamericanismo iraniano” (Calfat, 2024, p.56). É possível perceber essa “aliança” nas imagens a seguir.

Imagem 2 - Imagem utilizada na publicação do dia 21 de fevereiro de 2024



Fonte: Perfil do *Instagram* da deputada Carla Zambelli e do Coronel Aginaldo, 2024.

Imagem 3 - Imagem utilizada na publicação do dia 23 de fevereiro de 2024



Fonte: Perfil do *Instagram* da deputada Carla Zambelli, 2024.

A imagem 2 e a imagem 3 possuem o mesmo objetivo: exaltar uma suposta irmandade e aliança entre o Brasil e o Estado de Israel. A primeira imagem, publicada originalmente no perfil do Coronel Aginaldo, marido de Carla Zambelli, mostra dois

soldados homens dando as mãos, num gesto que simboliza parceria e companheirismo. O soldado da esquerda possui a bandeira do Brasil no ombro de seu uniforme, indicando que ele pertence a algum tipo de forças armadas brasileiras, enquanto isso, o soldado da direita possui a bandeira do Estado de Israel também no ombro de seu uniforme, indicando que ele pertence ao exército israelense. Além disso, no fundo da imagem, é possível ver as bandeiras das duas nações se fundindo, mais uma vez remetendo à união das duas nações. O Undetectable AI classificou a Imagem 2 como criação de IA, tendo 15% de chances de ter sido criada por um humano.

Na imagem 3, Carla Zambelli traz um print de uma publicação feita pelo Ministro das Relações Exteriores de Israel no X. Na ocasião, Israel Katz fez o *post* como uma forma de resposta ao presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que vinha condenando as ações do Estado de Israel em relação aos civis palestinos. A imagem mostra pessoas abraçadas de lado e olhando para as bandeiras dos dois países ao fundo. É possível ver pessoas vestidas com roupas contendo as cores (verde e amarelo) e formas da bandeira do Brasil, assim como pessoas com roupas das cores da bandeira israelense (azul e branco). O ministro escreveu na legenda “Ninguém vai separar nosso povo - nem mesmo você @LulaOficial”, dando a entender que as declarações do presidente Lula tinham a intenção de afastar e até mesmo acabar com a aliança entre o povo brasileiro e o povo israelense. O Undetectable AI classificou a Imagem 3 como criação de IA, tendo 5% de chances de ter sido criada por um humano. Mesmo tendo sido passada pelo software detector, a imagem claramente possui detalhes de inteligência artificial, como membros a mais no corpo, olhos e expressões faciais desproporcionais e as bandeiras deformadas. Além disso, é possível ver o lema errado na bandeira do Brasil, que deveria ser “Ordem e Progresso”.

Como já foi dito neste trabalho, a extrema direita brasileira flerta com discursos pró-Israel desde a década passada, sendo assim, todo ou qualquer discurso em favor dos palestinos é considerado como “algo de esquerda”, isso facilitou também no surgimento de uma polarização ideológica nos discursos políticos brasileiros na hora de tratar do assunto.

Global e domesticamente, o binarismo é simplista, pois, enquanto a direita se apressa para se declarar anti-Palestina, porque entende que o projeto decolonial é frequentemente violento e esquerdista, do lado inverso, o sionismo também é visto como colado à direita fascista e ao imperialismo, daí ele ser rechaçado pela esquerda (Calfat, 2024, p.55-56).

A direita religiosa (principalmente evangélica), que se mostrou mais vigorosa nos Estados Unidos ao ajudar eleger seis presidentes republicanos entre os anos de 1980 e 2016, tornou-se uma força política relevante em países da América Latina nas últimas décadas, como Guatemala, Honduras, El Salvador, Costa Rica, Peru, Colômbia, Brasil, Bolívia, entre outros (Guadalupe; Carranza, 2020).

A direita cristã estadunidense disseminou sua teologia política no Brasil a partir das décadas de 1960, 1970 e 1980, por meio das movimentações missionárias e televangelistas que defendiam as transformações teológicas e escatológicas estadunidenses – enquanto visão de mundo. Com essa bagagem teológica, tais missionários progrediram num contexto em que a teologia da libertação e a consolidação pentecostal, com a emergência de igrejas nacionais e suas lideranças, consistiam em parte do cenário religioso (Stoll, 1990). Vale ressaltar, que isso tudo ocorre em clima de Guerra Fria, expansão dos movimentos socialistas e ditaduras militares, fomentando no campo cristão a polarização ideológica e o anticomunismo.

183

Como explicam Cowan (2014) e Villazon (2015), nesse cenário da Guerra Fria, grande parte dos líderes evangélicos apresentava uma perspectiva anticomunista, o que incentivou o apoio ao regime autoritário brasileiro no interior dos grupos confessionais. Essa afinidade ideológica viabilizou também as primeiras negociações entre os militares e a elite evangélica para as concessões dos meios de comunicação (Cowan, 2014).

O início do processo de redemocratização e convocação de uma Assembleia Constituinte, em meados dos anos 1980 no Brasil, proporcionou que os pentecostais se tornassem representantes políticos e aderissem uma política de identidade evangélica juntamente com outros cristãos conservadores. Ocorria, no Brasil, a união de pentecostais com protestantes históricos (Machado; Mariz & Carranza, 2021). Este

apelo identitário seria caracterizado posteriormente por Burity (2015) como um processo de “minoritização”, visto que essas figuras políticas evangélicas passaram a defender um discurso de minoria social e política.

Em 2003, foi criada a Frente Parlamentar Evangélica no Congresso Nacional e, em 2007, 28 parlamentares deste grupo evangélico passaram a compor também a Frente Parlamentar Cristã Brasil-Israel Pela Paz (FRENPAZBRIL), frente esta que foi estabelecida durante a 1ª Conferência Brasileira pela Paz, realizada naquele mesmo ano (Gonçalves, 2015). Ainda que os parlamentares evangélicos representassem somente 12% dos seus integrantes totais (225), ganharam espaço e tornaram-se figuras importantes no debate legislativo sobre as questões relacionadas ao Estado de Israel. Na narrativa defendida por este grupo e por lideranças pentecostais na mídia, a sociedade brasileira é apresentada como “uma nação cristã que tem o dever moral de defender os judeus nos conflitos do Oriente Médio” (Machado; Mariz & Carranza, 2021, p.16).

É importante destacar que, de acordo com Machado, Mariz e Carranza (2021), a política externa brasileira dos governos de Lula (2003-2010) e Dilma (2011-2016), ambos do Partido dos Trabalhadores (PT), estava empenhada em defender os palestinos, que eram vistos pela esquerda como vítimas do empreendimento bélico de Israel. Como consequência disto, os parlamentares cristãos passaram a ser atores importantes na defesa política do Estado e governo de Israel.

Imagem 4 - Imagem utilizada na publicação do dia 10 de novembro de 2023.



Fonte: Perfil do *Instagram* da deputada Carla Zambelli, 2024.

Imagem 5 - Imagem utilizada na publicação do dia 10 de novembro de 2023.



Fonte: Perfil do *Instagram* da deputada Carla Zambelli, 2024.

Imagem 6 - Imagem utilizada na publicação do dia 10 de novembro de 2023.



Fonte: Perfil do *Instagram* da deputada Carla Zambelli, 2024.

As imagens 4, 5 e 6, usadas em um vídeo postado no *TikTok*, mas que a deputada postou em seu perfil com a ferramenta do *reels*, buscam evidenciar a força do exército israelense em meio ao conflito contra os combatentes do Hamas que se estende desde 7 de outubro de 2023. É importante destacar que as frases que aparecem nas imagens fazem parte de uma oração central do judaísmo chamada Shemá Israel (שמע ישראל).

(ישראל), que é uma declaração de fé e a afirmação da unicidade de Deus, sendo considerada como “a confissão de fé mais importante do povo judeu” (SANTE, 2018: 29). A apropriação do Shema Israel em discursos visuais de caráter militar revela a instrumentalização de símbolos religiosos na legitimação do nacionalismo e da guerra. Nesse sentido, o exército não aparece apenas como instituição estatal, mas como instrumento de Deus. Ou seja, uma expressão íntima de fé é transformada em slogan coletivo, produzindo um imaginário social no qual religião e defesa do Estado aparecem como indissociáveis.

Voltando para os outros elementos que compõem as imagens: A imagem 4 (9% de chances de ter sido criada por um humano) mostra três soldados homens abraçados vestindo uniformes que contêm braçadeiras com a imagem da bandeira do Estado de Israel, além disso, eles seguram armas de fogo com as mãos. Os dois soldados da frente apresentam expressões de desespero e angústia enquanto gritam, logo é possível dizer que o soldado que está na parte de trás também compartilha do mesmo estado emocional de seus companheiros. Pode-se inferir que a imagem procura mostrar a dor enfrentada pelo exército de Israel, causando um sentimento de empatia em quem a vê. Os soldados israelenses também sofrem, assim como os civis de seu país.

186

Seguindo por essa linha de raciocínio, a imagem 5 (15% de chances de ter sido criada por um humano) também traz soldados abraçados (é possível visualizar 6 na parte da frente), formando uma espécie de círculo. Esse ato de formar um círculo abraçado com seus companheiros, muita das vezes, faz referência ao ato de orar, rezar ou interceder, seja na guerra, eventos esportivos (principalmente no futebol), reuniões familiares, dentre outros exemplos. Neste caso, pode-se inferir que, apesar de todo o sofrimento, o exército de Israel é resiliente e seus soldados apoiam uns aos outros. É exaltado aqui o sentimento de companheirismo, lealdade e inspiração.

Retornamos, agora, ao terceiro mito destacado por Girardet, o da Unidade. Segundo ele, este mito opera no que há de mais primordial numa sociedade, que é o sentimento de pertencimento, sendo assim, ele acaba se tornando politicamente fundamental. O mito da unidade está relacionado ao sentido de pátria enquanto conjunto

unido, pertencimento, sendo a unidade vista como única forma de se obter uma harmonia social. Este mito, historicamente, serviu de base para que certos regimes, movimentos políticos ou mesmo revoluções sociais agissem com as ideias de nacionalismo, patriotismo, ordem nacional, harmonia, paz, progresso. Esse pensamento é bastante visto no sionismo hertzliano. Na introdução e no primeiro capítulo do livro “Estado judeu” de Theodor Herzl (1949), o autor diz:

Temos tentado por toda parte e lealmente entrar nas coletividades nacionais que nos cercam, apenas conservando a fé dos nossos pais. Não o admitem. Em vão somos sinceros patriotas, até mesmo, em certos lugares, exuberantemente patriotas; em vão fazemos sacrifícios de dinheiro e de sangue como os nossos concidadãos; esforçamo-nos em vão por elevar a glória e nossas pátrias respectivas nas artes e nas ciências, e por aumentar as suas riquezas pelo comércio e pelas transações. Nessas pátrias em que habitamos já há séculos, somos interditados como estrangeiros, e, muitas vezes, por aqueles cuja raça não estava ainda no país quando nossos pais já haviam aí padecido. A maioria pode decidir quem é o estrangeiro no país. (Herzl, 1949, p. 43).

O mito da Unidade, assim como o sionismo hertzliano, possuem bases que se dão nas idealizações que almejam internalizar na sociedade a ideia de que a construção de uma nação ou Estado unificado é do interesse do bem comum - no caso do sionismo: a criação do Estado de Israel. Porém, segundo Girardet, nem sempre essa unidade corresponde ao real. As ideias de Theodor Herzl, por exemplo, foram bastante criticadas por várias partes da comunidade judaica, principalmente na Grã-Bretanha e na França. Eles viam Herzl como uma ameaça que poderia “sabotar a vida dos judeus dentro da sua própria sociedade” (Pappe, 2022, p. 67).

Por fim, a imagem 6 (10% de chances de ter sido criada por um humano) apresenta todo um batalhão israelense, com vários soldados de mãos dadas esticando a bandeira do Estado de Israel que se encontra no meio da imagem. Além disso, também é mostrado uma fileira de tanques de guerra e sete aviões de combate no céu, representando o poder bélico do exército israelense. Também é possível ver ao fundo algumas áreas verdes, com rios e um céu azul limpo, enquanto, na parte da frente, o exército de Israel avança sobre um chão desértico e um céu cinza nublado. Mais uma

vez, a imagem faz a inferência de que as forças israelenses, representando “o bem”, estariam invadindo um lugar ruim e inóspito (Palestina/Faixa de Gaza), representando “o mal”, representando o povo palestino como um povo inferior, misterioso e que precisa ser dominado.

Tudo isso foi alertado por Edward Said (2007) que, discutindo sobre o conflito entre Israel e Palestina, explicou que a inferioridade moral dos palestinos é reforçada constantemente pela mídia a cada episódio dramático do conflito.

[...] a versão do mito criada no século XX tem sido mantida com muito maior dano. Produziu uma imagem do árabe visto por uma sociedade ‘adiantada’ quase ocidental. Na sua resistência aos colonialistas estrangeiros, o palestino era ou um selvagem estúpido ou uma grandeza negligível, moral e existencialmente (Said, 2007, p. 311).

Nas duas obras de Said, “Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente” (2007) e “A questão da Palestina” (1992), sobre como o Oriente é retratado pelo Ocidente, é possível ver que o oriental e o árabe são tratados pelos europeus como menos humanos, uma espécie de sub-raça que não se compara com o Europeu, com o Ocidental. Nota-se, a partir do trabalho de Said, que os orientais e árabes são sempre representados como animais quase humanos, mas nunca como seres humanos realmente.

188

Assim, pode-se dizer que na guerra espiritual, política e cultural entre bem e mal iminentes na sociedade, o discurso bélico-religioso e, nesse caso, o sionista, é implementado à agenda política do pentecostalismo sionista e em movimentos como o bolsonarismo, naturalizando o discurso de ódio, a militarização e a violência (Mori 2024) – tanto no Brasil quanto na Palestina.

Considerações finais

Marcello Silva Maciel e Paulo César Boni (2006) explicam que o fotojornalismo de guerra se diferencia das demais modalidades, uma vez que registram e relatam a brutalidade dos seres humanos, em sua capacidade de destruir seus semelhantes.

Supõem-se que um dos pontos peculiares do fotojornalista, em especial o de guerra, seja a ambição de fazer parte da história. Captar aquele momento que será perpetuado através dos tempos e se transformará em referência para observações futuras. Este fator de motivação atribuído à imagem fotográfica movimenta olhares para a prática. Tornou-se convenção que os registros imagéticos são importantes para se lembrar dos eventos. A lembrança tornou-se tão seletiva, quanto o recorte fotográfico. Sendo assim, a perpetuação da história, não raro, está atrelada ao poder de decisão do que é – ou não – merecedor de ela pertencer. (Maciel; Boni, 2006, p. 97)

Sendo assim, quando um indivíduo escolhe usar uma imagem gerada por inteligência artificial para retratar um acontecimento histórico, principalmente no caso das guerras, ele deixa de perpetuar a visão profissional e sensível de um fotojornalista ou ilustrador, que podem se sentir desvalorizados, para dar visibilidade à criação imagética pensada por qualquer pessoa sem formação e executada por um algoritmo (Barandy, 2022). Nesse caso, é até mesmo possível que, quando criadas com dados não filtrados, essas imagens reproduzam preconceitos raciais, culturais e de gênero (Hao, 2021). Como foi o caso da Imagem 1.

Os meios de comunicação e as plataformas digitais interferem na “nossa variável capacidade de compreender o mundo, de produzir e partilhar seus significados” (Silverstone, 2005, p. 13). Nesse contexto, ao mesmo tempo que se democratiza o espaço de fala dos cidadãos e se observa um grande potencial de mobilização nesse ambiente, também é de suma importância admitir que esses novos mecanismos de circulação da informação trouxeram consequências para o ambiente democrático (Hobbs, 2020).

Se por um lado o uso das ferramentas de Inteligência Artificial possui um potencial positivo, avançando constantemente e apontando para uma melhoria na capacidade de compreensão da linguagem e de geração de conteúdos variados por essas ferramentas, como apontou Franganillo (2023), também possui um lado obscuro, especialmente quando usadas na política para a propagação de discursos de ódio e ideologias preconceituosas que se assemelham, até mesmo, ao nazismo.

Diante de tudo isso, como a própria Nina da Hora (2022) ressalta, é importante “estudar as implicações sociais e éticas das tecnologias de IA”, pois somente assim será possível antecipar e tentar diminuir danos irreversíveis para a sociedade.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BENDER, Andreas; CORTÉS-CIRIANO, Isidro. Artificial intelligence in drug discovery: what is realistic, what are illusions? Part 1: Ways to make an impact, and why we are not there yet. *Drug discovery today*, v. 26, n. 2, p. 511-524, 2021.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade - Tratado de Sociologia do Conhecimento*. 27. ed. Petrópolis, Vozes, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, S.A., 1989.
- BRAUN, J. Religião e humor: a estratégia de redes sociais que alavancou Nikolas Ferreira, deputado federal mais votado do país. In: *UOL*, on-line, 4 de out. de 2022. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2022/10/04/religiao-e-humor-a-estrategia-de-redes-sociais-que-alavancou-nikolas-ferreira.htm>. Acesso em 10/09/2024.
- CALFAT, Natalia Nahas. O Oriente Médio é aqui: o Brasil entre o sionismo cristão e a solidariedade Sul-Sul. *CEBRI-Revista: Brazilian Journal of International Affairs*, n. 10, p. 42-62, 2024.
- COSTA, Ederson Levi Rodrigues da. *A violência como discurso político: uma análise sobre Jair Bolsonaro, Flávio Bolsonaro e Carla Zambelli no Twitter*. 2024. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- COULDRY, N. Mediatization or mediation? Alternative understandings of the emergent space of digital storytelling. *New Media & Society*, v. 10, n. 3, 2008. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/16379446.pdf>. Acesso em: 15/09/2024.
- DE MEDEIROS DELIBERADOR, Raquel. A Propaganda Nazista no filme “O Eterno Judeu” de 1940. *V ENEIMAGEM II EIEIMAGEM*, p. 143.
- FRANGANILLO, Jorge. La inteligencia artificial generativa y su impacto en la creación de contenidos mediáticos. *methaodos. revista de ciencias sociales*, v. 11, n. 2, p. 15, 2023.

FRESTON, Paul. *Evangélicos na política brasileira: história ambígua e desafio ético*. Curitiba: Encontro Editora, 1994.

GHERMAN, Michel; KLEIN, Misha. Aquela Noite: o lugar da Israel imaginária na nova direita brasileira. *Revista Antropológicas*, Ano, v. 25, n. 32, p. 2, 2021.

HAO, Karen. *Internet está tan sesgado que, para la IA, las mujeres solo llevan bikini*. MIT Technology Review, 3 fev. 2021. Disponível em <https://is.gd/kSOd56>. Acesso em: 17/09/2024.

HOBBS, R. *Mind over media: propaganda education for a digital age*. Nova York: Norton Professional Books, 2020, 368p.

HORA, N. DA. *Ética em IA: a pergunta que não estamos fazendo*.

IACONELLI, Vera. Sincericídio bolsonarista. *Folha de São Paulo*, 06 ago. 2019.

JUDT, Tony. A Lobby, not a conspiracy. *New York Times*, 19 abril 2006. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2006/04/19/opinion/19judt.html>. Acesso em 10/09/2024.

MACIEL, Marcello Silva; BONI, Paulo Cesar. O vale da sombra da vida: reflexões sobre a fotografia de guerra e suas repercussões. *Discursos Fotográficos*, v. 2, n. 2, p. 93-110, 2006.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Editora Loyola, 1999.

MATEO, Luiza Rodrigues. *Deus abençoe a América: religião, política e relações internacionais dos Estados Unidos*. 2011.

MEARSHEIMER, John; WALT, Stephen. O Lobby de Israel. *Novos Estudos Cebrap*, n.76, nov. 2006, p.43-73

ORO, Ari P. *O avanço pentecostal e a reação católica*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

PAPPE, Ilan. *A history of modern Palestine*. Cambridge University Press, 2022.

PORTAS, Isabela Afonso. O lado obscuro da propaganda: um estudo de caso sobre a desinformação difundida nos vídeos de Nikolas Ferreira. In: ANAIS DO CONGRESSO INTERNACIONAL COMUNICAÇÃO E CONSUMO 2023, 2023, São Paulo. *Anais eletrônicos...* Campinas, Galoá, 2023. Disponível em <https://proceedings.science/comunicon-2023/trabalhos/o-lado-obscur-o-da-propaganda-um-estudo-de-caso-sobre-a-desinformacao-difundida-n?lang=pt-br>. Acesso em 10/09/2024.

PRAZERES, Leandro. Moraes manda prender Carla Zambelli e pede que deputada entre na lista da Interpol: o que acontece agora? *BBC*, São Paulo, 3 jun. 2025. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cg713jj9ll7o>. Acesso em 10/06/2024.

RODRIGUES, Adriano Duarte. DELIMITAÇÃO, NATUREZA E FUNÇÕES DO DISCURSO MIDIÁTICO. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). *O JORNAL: Da forma ao sentido*. Editora UNB, 2002. p. 217-233.

RUSSELL, Stuart. *Human compatible: AI and the problem of control*. Penguin Uk, 2019.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007.

SANTE, Carmine. *Liturgia judaica: fontes, estrutura, orações e festas*. São Paulo: Paulus, 2018.

SILVERSTONE, R. *Por que estudar a mídia?* Rio de Janeiro: Loyola, 2005.

SILVA, Gabriel Goes; CAVICHIA, Alessandro Henrique Dias. Entre ratos e gatos, Maus faz sangrar história. *Revista Científica do Centro Universitário de Jales* X Edição (2019); ISSN: 1980-8925, p. 48.

VARGAS GONÇALVES, A. L.; CALDERON SALLES SANTOS, M.; MARTINS DE SOUZA, R. Jornalismo Ciborgue: o uso da inteligência artificial na criação de imagens pelo jornalismo contemporâneo. *Tudo é Ciência: Congresso Brasileiro de Ciências e Saberes Multidisciplinares*, [S. l.], n. 3, p. 1–9, 2025. DOI: 10.47385/tudoeciencia.1847.2024. Disponível em <https://conferenciasunifoa.emnuvens.com.br/tc/article/view/1847>. Acesso em 02/06/2025.